

## A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO JORNALÍSTICO SOBRE AS FACÇÕES CRIMINOSAS DO RIO DE JANEIRO

JÚLIA MÜLLER PEREIRA<sup>1</sup>; SILVIA PORTO MEIRELLES LEITE<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [juliamullerrr@gmail.com](mailto:juliamullerrr@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [silviameirelles@gmail.com](mailto:silviameirelles@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O jornalismo é uma forma de conhecer o mundo. Por meio de notícias, pessoas em diferentes localidades podem acessar informações sobre regiões, comunidades, atividades e cotidiano de locais próximos e distantes. Os grandes jornais costumam propor essa abrangência informacional em seus princípios editoriais, principalmente devido ao alcance que boa parte das notícias possui. Entretanto, é possível questionar se: as notícias apresentam informações com as mais variadas perspectivas sobre um mesmo fato? Apesar dessa ser uma das premissas da profissão, as redações jornalísticas possuem limitações, sejam financeiras ou de pessoal, e a visão de mundo que um jornalista adota para si, muitas vezes, também pode ser um limitante.

Por exemplo, existe atualmente no Brasil uma complexa rede de facções criminosas, grupos que estão em atuação em todos os 26 Estados da federação e Distrito Federal. Muitas vezes, as siglas dessas facções, muito conhecidas nas comunidades por elas dominadas, não estão presentes nas notícias. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2018), 37 diferentes facções estão em atuação no Brasil. No Rio de Janeiro, três grupos possuem poder sobre as comunidades cariocas, são eles: o Comando Vermelho (CV), o Amigos dos Amigos (ADA) e o Terceiro Comando Puro (TCP). O Primeiro Comando da Capital (PCC) atua em 23 Estados diferentes, número que sintetiza a tamanho da organização.

Em um texto opinativo publicado no jornal The Intercept Brasil, os jornalistas Cecília Olliveira, Carlos Nhangá e Yuri Eiras<sup>1</sup> criticam a supressão do nome dos grupos, mesmo que em notícias relacionadas diretamente a eles. Ao apagar e trocar o nome dos grupos criminosos da cidade do Rio de Janeiro por Grupo A ou Grupo 1, os veículos de comunicação deixam de lado a influência que estas organizações têm sobre as comunidades. Cada região dominada por facções possui regramento próprio, uma espécie de manual de convivência do local.

Enquanto uma parte dos grandes jornais não noticiam informações pertinentes, moradores de outras regiões ficam à deriva, sem saber quais regras devem seguir e sequer que elas existem. Genro Filho (2012) fala que uma notícia é a cristalização de um conhecimento subjetivo, construída por meio de categorias particulares do jornalista. Notícias que suprimem a importância e a influência das facções estão produzindo um conhecimento neste sentido, colocando em risco a vida da população.

Com isso, o presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma o Jornal Extra<sup>2</sup> produz os conhecimentos jornalísticos nas notícias que abordam facções criminosas presentes no território nacional. As hipóteses para possíveis

<sup>1</sup> Vide: <https://theintercept.com/2020/08/11/imprensa-rio-faccoes-milicias-trafico/>. Acesso em 30 agosto de 2020.

<sup>2</sup> Fundado em abril de 1998 pela Infoglobo, o jornal é um dos principais na cobertura de segurança pública do Estado e da cidade do Rio de Janeiro, com notícias factuais e reportagens especiais.

conclusões são: 1) quando o jornalismo fala sobre as comunidades onde as facções atuam e o assunto principal são os crimes, então resume-se os moradores à criminalidade; 2) quando o jornalismo não identifica esses grupos criminosos atuantes, então descarta-se a influência que eles têm nos locais onde atuam; 3) quando o jornalismo não contextualiza as relações presentes onde as facções atuam, então observa-se o apagamento das pessoas que moram nesses locais.

Para as discussões serão empregues autores que trabalham os conceitos de jornalismo como produção de conhecimento, como Genro Filho (2012), Meditsch (2010 e 1998) e Karam (2007). Somado a isto, serão utilizados autores que falam da influência da mídia nas discussões acerca das políticas de segurança pública, podemos destacar Palermo (2018) e Guimarães, Paul e Silveira (2012).

## 2. METODOLOGIA

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo é uma metodologia que permite uma sistematização de determinadas mensagens midiáticas, a fim de possibilitar uma compreensão acerca das condições de produção de um produto - as notícias - a partir de indicadores - as categorias. Com base nisso, o presente trabalho se apropriará de tal método para realizar a coleta de textos noticiosos publicados pelo jornal O Extra. O site de notícias não possui uma busca rápida que permite filtrar as publicações conforme sua data de veiculação, por conta disso optaremos pelo uso da busca avançada do Google.

As palavras-chave empregues para a coleta de dados são 'facções' e 'facção', e o nome dos grupos criminosos presentes no Estado do Rio de Janeiro e suas siglas, como: 'Comando Vermelho' e 'CV', 'Amigos dos Amigos' e 'ADA', 'Terceiro Comando Puro' e 'TCP' e 'Primeiro Comando da Capital' e 'PCC'. Por mais que, conforme os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2018), o PCC não pertença ao RJ, optou-se por utilizá-lo na busca devido à influência da facção nas dinâmicas do crime organizado brasileiro.

A coleta de dados contempla um recorte de 12 meses, começando em 01 de janeiro de 2020 e terminando em 31 de dezembro de 2020. Os materiais serão analisados em categorias, a fim de esmiuçar e investigar como o objeto de estudo contextualiza os acontecimentos relacionados às facções criminosas. Devido ao recorte temporal, a coleta de materiais ainda não foi concluída.

Para subsidiar a análise dos dados que estão sendo coletados no Jornal Extra, propõe-se uma abordagem quantiquantitativa, para identificar padrões nas manchetes apresentadas pelo jornal, e qualitativa, para analisar os conhecimentos produzidos sobre as facções e as comunidades periféricas dominadas por facções criminosas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim como dito, quando uma notícia suprime ou apaga determinadas informações, o conhecido por ela produzido também carrega esse desfalque informacional. Para Genro Filho (2012), o conhecimento é um contínuo, no qual o jornalismo participa em um determinado grau. Assim sendo, o conhecimento produzido pelas notícias e reportagens são apenas um ponto na linha do processo de compreensão do mundo, traçada a partir de vários fatores. O processo de aprendizado envolve a subjetividade da vida num todo, permeada pelos fenômenos empíricos apresentados a cada ser ao longo da vida. Um jornalista nascido em uma comunidade periférica, por exemplo, ao escrever sobre

o local onde cresceu e adquiriu conhecimentos particulares, vai produzir uma notícia diferente àquela escrita por um jornalista nascido na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Meditisch frisa a relevância do início da socialização de cada pessoa como peça fundamental para que compreenda o mundo. “É a socialização primária que define fundamentalmente o princípio de realidade a partir do qual o indivíduo vai identificar natural e espontaneamente o que é real e conhecido” (MEDITSCH, 2010, p. 8). A realidade e as maneiras com o qual o indivíduo intervém na vida cotidiana, quando agrupadas, são compreendidas como categorias de conhecimento. De forma a entender a relação entre o jornalismo e o processo de produção de conhecimento, permeado pelas categorias individuais de cada ser, é preciso destacar três tipos de conhecimento, são eles: particular, singular e universal (GENRO FILHO, 2012).

Em vista da mídia como plataforma para a construção de imaginários sociais, Palermo (2018) aponta que a imprensa é uma esfera social que também participa da formulação e execução das políticas públicas, uma vez que as notícias e reportagens constroem uma percepção social acerca de grupos e pessoas, como as favelas, por exemplo. Se um jornal cita uma determinada comunidade apenas nas notícias relacionadas ao crime, o imaginário social construído acerca desta comunidade terá uma relação direta à criminalidade, como pode ser observado na conexão que a grande imprensa faz “entre as favelas cariocas e o problema da violência urbana” (PALERMO, 2018, p. 228).

O enfoque das pautas é outro aspecto que influencia a produção de conhecimento e a construção de imaginário social acerca de determinados tópicos presentes na mídia. Tomemos de exemplo uma notícia que informa sobre um extenso intervalo de troca de tiros entre determinado grupo criminoso. Enquanto operações policiais que provocam esses conflitos acontecem, a população sente medo e a apreensão, e esse enoque também é importante para informar acerca do ocorrido.

Outro exemplo é o discutido por Guimarães, Paul e Silveira, que trata da operação de implementação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na favela da Rocinha em 2011. Na época, as notícias tratavam sobre a perspectiva dos moradores, que acreditavam no poder da operação para salvar a comunidade do tráfico, além de sobressair o sentido de medo por conta dos confrontos. A discussão sobre políticas de redução da desigualdade, criação de empregos e oportunidades de educação fora deixada de lado, o que impede a visão de uma integração entre as comunidades e o restante das cidades. “A mídia, ao enfatizar estes conflitos na cobertura dos espaços populares, valoriza as soluções bélicas para o problema da segurança. (GUIMARÃES, PAUL e SILVEIRA, 2012, p. 7).

Com base no que foi apontado, é possível visualizar a relação entre notícia e a formação de um imaginário social por parte da população. Por isso é importante que o profissional jornalista vislumbre formas de compreender os contextos sociais que estão além das categorias particulares de conhecimento que possui.

#### 4. CONCLUSÕES

Considerando-se os dados apontados, todos os Estados brasileiros estão ocupados por facções criminosas, alguns até mesmo por mais de uma, como é o caso do Rio de Janeiro - números que comprovam a abrangência dessa complexa rede guiada através do poder pelo tráfico de drogas em determinada região. Entende-se, assim, a importância de noticiar as complexidades de cada



organização, assim como expor seus nomes, principalmente no que tange acontecimentos que podem colocar em risco a vida dos moradores.

Uma busca na aba de pesquisa própria do site do Jornal Extra, utilizando o termo 'facção', evidencia as notícias que muitas vezes suprimem o nome e as siglas das facções. Visando o interesse público, dar nome à quem faz o quê (qual organização criminosa está comandando a entrada de moradores em qual espaço, por exemplo), é colaborar para a abrangência informacional proposta pela profissão.

Em vista do que foi apresentado, ainda não é possível expor as conclusões do presente trabalho, que questiona quais os conhecimentos jornalísticos produzidos pelo Jornal Extra nas notícias que abordam as facções criminosas do Rio de Janeiro. Enquanto a coleta de dados segue, a próxima etapa consiste na pesquisa bibliográfica acerca do histórico das facções no país, bem como dados de entidades de segurança pública que as compreendem. Os resultados poderão ser discutidos após a conclusão do percurso metodológico do trabalho, que só pode ser feito após dezembro de 2020, mês que finda o recorte temporal do corpus.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Brasília: Persona, 1977.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário brasileiro de segurança pública**. Ano 12. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Anuario-Brasileiro-de-Seguran%C3%A7a-P%C3%BAblica-2018.pdf>. Acesso em: 19/09/2020.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Série jornalismo a Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular. 2012.

GUIMARÃES, Isabel Padilha; SILVEIRA, Ada Cristina Machado da; PAUL, Dairan Mathias. **A guerra que não aconteceu: análise da ocupação na Rocinha pela cobertura do G1 e do Globo News**. In XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0382-1.pdf>. Acesso em 27/jun/2020.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento**. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (orgs.). **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular/Capes, 2010, p. 19-42.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, Vol XXI nº 1, p. 25-38/ jun 1998.

PALERMO, Luis Claudio. **A cobertura da mídia impressa e o enquadramento das favelas cariocas na linguagem da violência urbana**. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 18, n. 1, p. 212-236, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/civitas/v18n1/1519-6089-civitas-18-01-0212.pdf>. Acesso em 27/jun/2020.